

O Historicismo e o Grande Monstro

Dramáticos acontecimentos têm vindo a ocorrer no norte de África, Médio Oriente, e mesmo na própria África. Por enquanto, apenas podemos dizer com segurança que não sabemos como se irá desenvolver a situação na Tunísia, no Egipto, no Bahrein, na Líbia, na Costa do Marfim, na Síria, na Grécia.



POR ANTHONY O'HEAR

DIRECTOR DO ROYAL INSTITUTE OF PHILOSOPHY, LONDRES

Para toda a sabedoria acumulada de filósofos, cientistas políticos, historiadores, políticos, jornalistas, comentadores respeitados e “especialistas”, o aspecto mais marcante destes acontecimentos é a sua imprevisibilidade. Recentemente, muito se tem falado sobre a chamada “Primavera Árabe”, como se fosse algo que todos entendemos e pudesse ser catalogado e arrumado como “democracias emergentes que não pertencem à Al-Qaeda” ou algo do género. Mas por esta altura, no ano passado - assim como aconteceu com a ex-União Soviética em 1987 - quem, de entre todos os especialistas, conseguiu prever ameaças significativas aos regimes de Khadafi e Assad, por exemplo? Mesmo hoje em dia, sabemos pouco sobre a dimensão do papel que a Irmandade Muçulmana terá no novo Egipto, ou mesmo como esse papel pode acomodar-se às nossas ideias de democracia liberal.

Mas talvez eu não deva ser muito duro com os especialistas, excepto num aspecto. O que Karl Popper chamou a pobreza do historicismo, na verdade é muito mais profundo do que a maioria de nós gostaria de pensar. O historicismo defende que há uma direcção na história e que nós, ou os especialistas,

podemos compreender e antecipar como se irá desenrolar. Nós - ou os autoproclamados “especialistas” - permanecemos convencidos que sabemos o que está a acontecer e o que é provável que aconteça (historicismo). Popper (e Hayek) têm fundamentos teóricos para justificar que o historicismo está condenado ao fracasso, devido à inerente imprevisibilidade do comportamento humano, no que diz respeito à realidade da liberdade humana e à impossibilidade de prever as inovações tecnológicas e seus efeitos. E mais uma vez, ao longo da nossa vida, os acontecimentos têm contrariado explicações e previsões dos especialistas - o Irão após o Shá, a queda do bloco de Leste, o afastamento do keynesianismo na política económica dos anos 1980, o reviver das religiões fundamentalistas - o que comprova a pobreza da nossa vaidade.

A minha crítica aos “especialistas” não consiste tanto no que não conseguiram prever, mas no facto de não aprenderem com estas falhas regulares de previsão, continuando a agir como espectadores de acontecimentos nos quais estão realmente enredados. A última lição que a maior parte de nós está preparado para aprender com a história, é a imprevisibilidade da história. Na realidade, a própria história pode levar-nos ao engano: ao impor uma narrativa calma e racional sobre acontecimentos que estão frequentemente para além de qualquer lógica ou padronização fácil, escrever a história pode parecer uma conspiração sistemática para distorcer o que uma manta de retalhos multi-variada e colorida realmente nos diz.

Aqueles que professam saber, dizem-nos que muitos dos acontecimentos que testemunhamos hoje em dia têm a sua origem na geração do chamado ‘twitter’ - ou seja, através de novos meios de comunicação, massas de indivíduos descoordenados e sem liderança reúnem-se para usar o seu poder de massas para derrubar regimes estabelecidos.





MESMO QUE ESTIVÉSSEMOS MAIS OPTIMISTAS DO QUE PLATÃO SOBRE AS MANIFESTAÇÕES DE MASSAS E MULTIDÕES NAS RUAS, EXISTIRÁ SEMPRE UMA INCERTEZA QUANTO AOS RESULTADOS E UM MEDO MUITO RAZOÁVEL DE QUE O RESULTADO POSSA SER UM REGIME PIOR E MAIS ARBITRÁRIO

Alguns acolherão estas manifestações de massas como o poder primário do povo, como a democracia directa, activa. Eu aconselharia cautela. Qual a diferença entre o que está a acontecer actualmente em Atenas e o que aconteceu recentemente no Cairo e em Benghazi? Existe *uma* diferença, é claro. Suponho que as formas de governo na Grécia, Egipto e Líbia são bastante diferentes, e que, dependendo do que pensamos de cada uma, podemos tomar uma atitude diferente para com as multidões nas ruas. Enquanto as multidões no Egipto e na Líbia podem parecer pró-democráticas, as multidões em Atenas são mais ambíguas.

Platão, com razão, referia-se à população como um todo, na sua manifestação como uma massa ou uma multidão, como o grande monstro, assim como fala da sua manipulabilidade por

aqueles que podem cavalgá-los e interpretar e articular os seus humores, “que provocam os seus gritos típicos, e que tom de voz os torna suaves ou selvagens”. Dado que as pessoas em massa são incapazes de raciocinar de forma fria sobre o que é verdadeiramente bom ou verdadeiro ou bonito, o que Platão refere como o sofista, que se arroga para si próprio a tarefa de aconselhar a multidão, simplesmente toma e promove como louvável o que a massa aceitará como tal, em determinado momento.

‘When there’s any general public gathering, and the boos and applause of their criticism and praise (excessive in both cases) of whatever is being said and done make a terrible din – and the rocks and the surroundings double the noise of their approval and disapproval by echoing it – in a situation like this, how do you think a young man’s heart will be affected? How can the education he has received outside of the public arena stand up to it, without being swept away at the mercy of the current? Won’t he end up just like them, with the same moral standards and habits as them?’ (Republic, 492b-c)

Será Platão muito pessimista nesta passagem? O que ele diz tem uma plausibilidade alarmante sobre qualquer reunião política; e, na minha opinião, ele subestima a forma como demagogos sofisticados podem conduzir multidões, assim como seguí-las. No entanto, mesmo que estivéssemos mais optimistas do que Platão sobre as manifestações de massas e multidões nas ruas, existirá sempre uma grande incerteza quanto aos resultados, e (como aconteceu em Teerão em 1979, para não falar de Paris em 1789 e São Petersburgo em 1917, entre inúmeros outros exemplos) um medo muito razoável de que o resultado possa ser um regime pior e mais arbitrário do que o substituí. É, naturalmente, na arbitrariedade da tomada de decisão pelas multidões que está o perigo, e o terrível potencial que liberta para a tirania e o terror. Devíamos ter em mente o aviso de Aristóteles sobre um estado no qual as pessoas e não as leis governam: “quando o governo não está nas leis, não há um estado livre, pois a lei é superior a todas as outras coisas”. (Política 1292a). A tomada de decisão nas ruas - ou mesmo num corpo como a Assembleia Nacional Francesa no início da década de 1790 - é pouco provável que respeite a supremacia da lei.

Mas talvez, em conclusão, devêssemos considerar se a extrema imprevisibilidade das multidões que vemos hoje num grande número de lugares (incluindo mesmo Londres) não é apenas um exemplo extremo do que realmente sempre acontece. Por baixo de uma superfície aparentemente lisa e que sustenta os líderes que parecem moldá-la, a história humana é construída sobre areias movediças, sobre incontroláveis e inerentemente instáveis acções e decisões de milhões de indivíduos. Tenho lido Tácito ultimamente, e é muito marcante o extremo nervosismo dos primeiros imperadores Romanos (ver, por exemplo, o medo de Tibério do povo de Roma). Maquiavel adverte que um príncipe jamais pode proteger-se contra um povo hostil, porque são muito muitos. (*O Príncipe*, cap 9) E claro, os governantes procuram sempre isolar-se e proteger-se (e são frequentemente depostos por aqueles que trazem para protegê-los). Mas, uma vez construída sobre a submissão de muitos, sendo esta submissão protegida por consentimento ou violência repressiva, a história é sempre potencialmente um fluxo, e estamos sempre em perigo de ser apanhados pela nossa ignorância dos humores do grande mostro. ::